



CCXIII CAPÍTULO GERAL
DA ORDEM DOS SERVOS DE MARIA
(Pietralba/Maria Weissenstein, 13 de setembro – 2 de outubro de 2013)

“EIS AQUI A SERVA DO SENHOR:
FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA” (Lc 1, 38)

*INSTRUMENTUM LABORIS**

Aos frades da Ordem

1. A Ordem dos Servos de Maria, comunidade de homens reunidos no nome do Senhor, inspirando-se constantemente em santa Maria, está prestes a celebrar o CCXIII Capítulo geral (2013) como um momento intenso de fraternidade e um encontro de revisão do seu compromisso evangélico.

Este Capítulo geral está em continuidade com o de 2007 que tinha como título: *E, deixando tudo, o seguiram* (Lc 5, 11) e que foi centrado sobre o tema da pobreza evangélica. Segundo a *Legenda de Origine*, a nossa Ordem “foi principalmente Nossa Senhora a edificá-lo, fundado an humildade dos nossos frades, construído sobre a concórdia existente entre eles, conservada por sua pobreza ...” (*Legenda de Origine* n. 44). A pobreza evangélica emerge como parte importante da nossa história, da identidade e do carisma dos Servos de Maria para o mundo hodierno. Trata-se de uma dimensão individual e comunitária, nunca realizada definitivamente, e hoje interpelada de modo particular pela crise econômica mundial.

A Ordem é também chamada a verificar concretamente a sua fidelidade ao carisma através da comunhão de bens, da sobriedade, da solidariedade e do trabalho.

2. Para a preparação do Capítulo geral de 2013, o Conselho geral oferece nestas páginas um “*instrumento de trabalho*” a todos os frades e, em particular, aos frades capitulares, como ajuda para aprofundar os temas mais importantes para a nossa vida. O *instrumentum laboris* recolhe e relança as reflexões de muitos frades e grupos da Ordem que emergiram a partir das consultas feitas pelo Conselho geral e dos relatórios para o Capítulo geral.

Daí emergiram os temas mais relevantes para o futuro, sendo o primeiro:

O aprofundamento da nossa identidade e do nosso carisma.

“Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35).

O Capítulo geral é chamado a refletir sobre o tema da identidade e do carisma da Ordem, guiado pela seguinte questão: E nós, Frades Servos de Maria, por qual aspecto somos reconhecidos?

* Arch. gen. OSM, Prot. ???/2013. Texto elaborado nos dias 11-13 de março de 2013 por uma Comissão *ad hoc* (Paul M. Addison, Hubert M. Moons, Ermes M. Ronchi, Ángel M. Ruiz Garnica), revisto e aprovado pelo Conselho geral no dia 19 de março de 2013.

I. INSPIRAÇÃO MARIANA

3. O lema do Capítulo de 2013 é: *“Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1, 38).

A partir da imagem e das palavras da Anunciação somos ajudados a aprofundar alguns elementos da nossa identidade.

4. Santa Maria entra em cena no evangelho de Lucas como aquela que escuta. Ela nos mostra que a escuta é o primeiro serviço que devemos prestar a Deus e aos irmãos e irmãs. O Servo de Maria está no mundo como aquele que escuta: a Palavra de Deus, os gemidos e o júbilo da Criação, os acontecimentos da história, os irmãos e irmãs da família dos Servos e Servas de Maria.

Colocamo-nos em escuta da chamada que nos é dirigida de vários lugares de dor e de esperança. Escuta-se como santa Maria, de mãos vazias, pobres de si mesmos e de bens, e de mãos abertas.

5. Aquela que escuta ouviu como primeira palavra *“Alegra-te”*. O mesmo convite nos alcança e nos fala de uma alegria que não merecemos e nem esperamos, mas que nos foi dada antes mesmo que digamos *“Sim”*. Deus vem em nossas vidas e nos seduz porque fala a linguagem da alegria. Nas nossas anunciações quotidianas, no meio das circunstâncias da nossa vida, a cada frade, o anjo repete o mesmo convite à esperança: *“Alegra-te”*. Não mereço, mas sou grato. E o porquê da alegria está na segunda palavra do anúncio: *“Cheia de graça”* (Lc 1, 28), isto é *“Tu és amada para sempre”*.

6. *“Não temas, Maria”* (Lc 1, 30). A passagem do medo à esperança acompanha Maria na peregrinação da fé. Como Maria, libertemos-nos dos medos: medo do mundo, do futuro, do envelhecimento e da falta de sentido, chamados ao invés a gerar esperança e difundir confiança.

7. Depois o anjo conduz o olhar de Maria para Jesus, indicando-lhe as características de Jesus como *“messias, filho de Davi, cujo reino não terá fim”* (cf. Lc 1, 31-33). É Ele a fonte da nossa identidade. Como Maria, o frade Servo de Maria encontra o sentido da sua vida na relação com Cristo, servo e Senhor, irmão e mestre, pessoa na qual convergem o humano e o divino.

8. Maria traz Cristo ao mundo. Viver a boa nova e testemunhá-la é a força unificadora da nossa comunidade.

O nosso empenho, antes ainda de levar e dar, é partilhar, encontrar e escutar os irmãos: não tanto levar Cristo aos homens, mas bem levar os homens a Cristo, encontrando-O junto a eles, entre a lida e a alegria de viver.

9. *“Eis aqui a serva do Senhor”* (Lc 1, 38). Maria se define como *“a serva”*. Contemplando-a, escutando as suas palavras, reconhecemo-nos na mesma definição de *“servos”*, que assumem como próprio o projeto de Deus, dedicando-Lhe o coração e a inteligência, e vivendo a partir de si mesmos, mas não para si mesmos.

O ser *“servo”* nos insere numa realidade mais ampla, que compreende toda a família humana, o cosmo inteiro, e nós mesmos, a serviço das necessidades e da alegria de toda criatura. Conecta-nos ao passado, daqueles que nos precederam no mesmo percurso, ao presente da

Ordem e ao futuro, que não sabemos o que nos reserva, e que ademais é o tempo do Reino “que virá com o florescer da vida em todas as suas formas” (frei Giovanni M. Vannucci).

O Capítulo geral deverá refletir sobre: Como a inspiração mariana pode plasmar a nossa identidade e o nosso serviço? Tens algumas sugestões para o futuro?

II. COMUNIDADE

10. No evangelho Maria não aparece nunca sozinha, é sempre criatura de relação, genitora de encontros. Assim, o Servo vive a sua vocação não na solidão, mas na comunidade, e se empenha em criar comunhão, em trilhar caminhos que o conduzem ao encontro dos outros.

O Capítulo deverá refletir sobre: O que pode nos ajudar no aprofundamento da nossa fraternidade, elemento distintivo da identidade do Servo de Maria? De quais aspectos todos saberão que somos Frades Servos de Maria?

11. Queremos reafirmar a confiança que somos chamados a ser homens reunidos no nome do Senhor e renovar a fé de que a nossa missão na Igreja e no mundo é criar e estender a fraternidade (cf. *Const.* 74).

A vida comum assumiu na Ordem uma pluralidade de formas e de expressões e hoje a nossa identidade de Servos se exprime não na uniformidade, mas nessa riqueza de expressões, antigas e novas, que devem ser promovidas.

12. Podemos crescer nesta dimensão fraterna reafirmando:

- a convicção de que “*todo homem é meu irmão*”;¹
- a confiança de que no seu coração o irmão procura as mesmas coisas que eu busco;
- o olhar de fé sobre o outro, “objeto de anúncio” e chamado por Deus para ser sua morada, sua tenda entre os homens;
- a escuta do outro mesmo na complexidade da sua vida; escuta que se torna hospitalidade, diálogo, acolhida, colaboração criativa;
- a confiança recíproca que é início do caminho em direção ao perdão, único dom que não nos fará mais vítimas e não fará mais vítimas, nem dentro de nós e nem fora de nós. Somente homens perdoados e libertos poderão transmitir a liberdade e o perdão aos outros homens.

O Capítulo deverá refletir sobre: Como podemos ainda crescer nesta dimensão fraterna?

13. Aprofundamos juntos a nossa identidade de Servos quando celebramos em comunidade a inteira liturgia da vida, e não somente os momentos do culto divino.

“A descoberta da confiança que me demonstram os frades e os leigos, surpreende-me e me dá a força de confiar sempre mais no meu Senhor. A confiança em Deus é o fio de ouro que nos une ao Senhor” (frei Andrea M. Cecchin).

O Capítulo é chamado a elaborar propostas para que concretamente as jurisdições possam identificar comunidades “significativas”, que exprimem os valores e o carisma dos Servos, para orientar-se sobre essas na designação dos frades, e para inserir

¹ PAULO VI, *Todo homem é meu irmão*. Mensagem da IV Jornada mundial da paz [1º de janeiro de 1971] (14.XI.1970), in: AAS 63 (1971) 5-9.

também, de preferência, os frades chamados ou convidados de outras jurisdições no âmbito do intercâmbio e da ajuda entre as províncias.

III. CARISMA-SERVIÇO

14. As mudanças no mundo e na Igreja, a inserção da Ordem em diversas culturas e as rápidas mutações sociais, deixam os frades desorientados e confusos sobre a própria identidade. Tais mudanças tornaram mais difícil viver hoje o silêncio interior (cf. *Const.* 31), onde cada um elabora e interage com estes acontecimentos.

E as mesmas circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fatores essenciais para a definição da nossa vocação e da nossa missão na Igreja e no mundo. Por isso, estas mudanças representam um desafio para o aprofundamento da nossa vocação. Assim aconteceu com santa Maria, que foi capaz de interrogar o anjo, desejosa de compreender mais profundamente aquilo que lhe fora anunciado, comprometida em guardar e meditar os fatos e as palavras, e enfim, capaz de acolher toda e qualquer novidade, mesmo que estivesse longe de seus projetos (cf. *Const.* 116).

15. O nosso carisma é para o homem de hoje. O frade Servo de Maria lá onde se encontra é aquele que cria comunhão e comunidade e estende a fraternidade que vive.

E para isso utiliza os principais modos sugeridos pelas *Constituições*:

- criando relações de paz, de misericórdia, de justiça, de amor construtivo (cf. *Const.* 319) e de comunhão entre os homens divididos (cf. *Const.* 74);
- colocando-se aos pés das infinitas cruzes, onde Cristo continua sendo crucificado nos seus irmãos (cf. *Const.* 319);
- escutando com abertura de coração o chamado que continuamente chega até nós das situações novas da Igreja e do mundo, dos lugares da dor e do trabalho, da esperança e da alegria.

É o nosso carisma-dom à Igreja e ao mundo, testemunho do evangelho, possível a todos, anterior ao ministério sacerdotal e que se opõe ao risco do clericalismo da Ordem.

16. A Ordem é chamada a manifestar no mundo o dom da compaixão, não tanto como um aspecto ministerial ou sacramental, mas como fruto da nossa inspiração mariana: “E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens”.² Compaixão e misericórdia são reconhecidas como as características dos Servos que continuam na própria vida o exemplo e a presença da Mãe de Deus (cf. *Const.* 52).

As diversas etapas da vocação de Maria celebradas na liturgia e na piedade popular nos incentivam a acolher a Palavra de Deus nas várias circunstâncias do nosso peregrinar, em particular nos momentos de dor e nos momentos de cruz.

O Capítulo deverá por isso refletir sobre: Como manifestamos a realidade do ser Servos de Maria? Como a nossa identidade pode se tornar um serviço à Igreja e ao mundo? Como aprofundar a nossa identidade no serviço à Igreja e ao mundo que evolui?

² CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Chiesa (21 de novembro de 1964) n. 65.

17. A Ordem é em viagem, em êxodo, por isso a nossa identidade é aberta: um caminho além de tudo negativo, que se deve viver na confiança. Um dia veremos que nos pareciam obstáculos eram oportunidades. Isso significa que também a reestruturação na Ordem não será nunca concluída. Exemplo disso são os caminhos de regressão de Província a Vicariato, de Vicariato a Delegação, de Delegação a comunidade, e os objetivos das Conferências regionais.

Considerando a falta de transferência de poderes das Províncias às Conferências, considerando também o ritmo bienal dos encontros dos Piores provinciais com o Conselho geral, o Capítulo deve verificar a utilidade efetiva das Conferências regionais no quadro da reestruturação e da simplificação das estruturas.
Será necessário também refletir sobre: Quais serviços preferir num mundo que evolui rapidamente?

18. O primeiro objetivo é aquele de interrogar-nos sobre os eventos, sem desanimar, e colocar estas perguntas aos outros irmãos, enfrentando juntos a complexidade do mundo de hoje. Este é o mundo no qual somos chamados a caminhar e a partilhar a boa nova, que é o anúncio da possibilidade de uma vida melhor para todos, e que a chave do mundo novo a possui Jesus Cristo. São Bernardo resume assim a missão dos apóstolos: “docuerunt me vivere”,³ ensinaram-me a viver, o segredo da vida boa. Assim os frades, a partir do evangelho, da inspiração mariana e da fraternidade, são testemunhas de que é possível uma melhor qualidade de vida, que supere o individualismo e a solidão diante da dor e da crise.

19. Um dos sinais dos tempos é a importância sempre maior assumida pelo indivíduo, pelos seus direitos. E muitas vezes isso entra em conflito com a comunidade.

O Capítulo deverá refletir sobre: Como favorecer o encontro e a interação entre indivíduo e grupo, entre indivíduo e comunidade?

O frade plenamente realizado e completo é melhor e mais útil do que aquele que não é. O problema se coloca quando o desenvolvimento de cada frade é um fim em si mesmo e não tem em vista o bem comum.

Problema a ser enfrentado assumindo a riqueza do ensinamento de São Paulo, para quem os carismas de cada um estão a serviço da edificação comum, e da norma de Santo Agostinho de antepor as coisas comuns às próprias e não as próprias às comuns (cf. *Regra* n. 31).

20. O desenvolvimento individual, tudo aquilo que faz a pessoa crescer, é algo bom. A esse fim deveria se orientar a formação permanente.

À forte demanda de formação permanente da parte de muitos frades e as numerosas iniciativas não corresponderam à uma continuidade e a um efeito significativos. A formação permanente poderia concentrar-se sobre estes elementos:

– reapropriar-se das *Constituições*, elemento cardeal da nossa identidade, porque “dizem claramente quem somos, o que fazemos, e como devemos fazê-lo” (fra Joseph M. Loftus),⁴ um trabalho a ser cumprido pelas próprias comunidades;

³ Sancti BERNARDI, *In sollemnitatem Apostolorum Petri et Pauli, Sermo I*, in: *Sancti Bernardi Opera*, vol. 5 (Editiones Cistercienses, Romae 1968) pp. 189-190: “Hi sunt magistri nostri, qui a Magistro omnium vias vitae plenius didicerunt, et docent nos usque in hodiernum diem. [...] Docuerunt me vivere. [...] Bonam autem vitam ego puto et mala pati, et bona facere, et sic perseverare usque ad mortem. Dicitur vulgo quia qui bene se pascit, bene vivit.”

⁴ *Carta de apresentação das Novas Constituições*, in *Acta OSM* 28 (1968), fasc. II, p. VI.

- aprofundar a dimensão mariana da nossa chamada, utilizando os diversos subsídios da Ordem, litúrgicos, históricos, teológicos e artísticos, favorecidos pelas novas tecnologias;
- valorizar o convento e o serviço da comunidade de Monte Senário;
- envolver o mais possível neste percurso da família dos Servos.

À pergunta de Nicodemos, “Como pode nascer um homem quando é velho? Pode talvez entrar uma segunda vez no ventre de sua mãe e renascer?” (Jo 3, 4), Jesus respondeu: “Deveis nascer do alto” (Jo 3, 7). Como frades, Província e Ordem, movidos pelo vento da nova Evangelização, como podemos renascer na Igreja e no mundo de hoje?

CONCLUSÃO

“FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA” (Lc 1, 38)

21. Santa Maria nos guia com a sua vida, com a sua peregrinação de fé de Nazaré, a Belém, a Caná, à cruz, ao cenáculo e além, a dizer, como ela, o nosso “Sim” contínuo, num contínuo ritmo de chamada e resposta (cf. *Const.* 105): “Sim” a Deus, ao nosso carisma, aos demais em comunidade e ao homem de hoje.

Maria não pede um sinal, mas o anjo o oferece. Assim nós não pedimos sinais ou razões para o nosso futuro, mas Deus nos oferece pequenos sinais quotidianos: a santidade dos frades, o seu serviço generoso, a sua inteligência e cordialidade, a criatividade nos campos da teologia, da caridade, do trabalho, do apostolado, do anúncio, da arte, e a força que emana dos nossos santuários marianos. Os sinais muitas vezes emergem nas situações de dor, quando estamos de mãos vazias, como a Virgem da Anunciação, confiando e abandonando-se totalmente ao Senhor. Assim os sinais se tornam sementes de esperança que nos ajudam a dizer, com a confiança dos pequenos, o nosso “Sim”.